

## **O consciencismo de Kwame Nkrume: uma Filosofia Africana social e revolucionária**

### *Le consciencisme de Kwame Nkrume: une Philosophie Africaine Sociale Révolutionnaire*

**Jacque Kwangala Mboma**

Doutorando em Filosofia/ PPGFIL-UERJ

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir as relações que existem entre a filosofia social e a revolução na Filosofia de Kwame Nkrumah. O princípio fundamental dessa filosofia é o materialismo dialético que fundamenta o consciencismo de Nkrumah, uma filosofia especialmente materialista baseada nos elementos social, econômico e político para estudar a realidade africana. Sua leitura leva em conta as grandes críticas feitas diante do regime colonial na África que interfere na esfera dos poderes públicos com seus mecanismos do neocolonialismo. Por sua vez, essa filosofia busca se cristalizar na teoria científica por meio da revolução das inteligências. O conceito de revolução não trata necessariamente em termo de força, mas de uma síntese somática, uma revolução das inteligências, isto é, uma revolução da mente operada por meio das funções positivas ou negativas que geram a mudança na sociedade africana. Qualquer africano, jovem ou adulto é chamado a despertar sua consciência a fim de estabelecer os princípios de igualdade e liberdade, decorrentes do consciencismo para uma sociedade digna de valores morais e éticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** CONSCIENCISMO; IDEOLOGIA; REVOLUÇÃO E MATERIALISMO.

**RÉSUMÉ:** Cet article vise à discuter les relations qui existent entre la philosophie sociale et la révolution dans la philosophie de Kwame Nkrumah. Les principes fondamentaux de cette philosophie sont le matérialisme dialectique qui fonde le consciencisme de Nkrumah, une philosophie particulièrement matérialiste basée sur des éléments sociaux, économiques et politiques pour étudier la réalité africaine. Sa lecture tient compte des grandes critiques adressées au régime colonial en Afrique qui interfèrent dans le domaine des pouvoirs publics avec ses mécanismes de néocolonialisme. À son tour, cette philosophie cherche à se cristalliser dans la théorie scientifique à travers la révolution des intelligences. Le concept de révolution n'est pas nécessairement un terme de force, mais une synthèse somatique, une révolution des intelligences signifie une révolution de l'esprit opérée à travers

les fonctions positives ou négatives qui génèrent le changement dans la société africaine. Tout Africain jeune ou adulte est appelé à éveiller sa conscience afin d'établir les principes d'égalité et de liberté pour une société digne des valeurs morales et éthiques.

**MOTS CLÉS:** CONSCIENCISME; IDÉOLOGIE; RÉVOLUTION ET MATÉRIALISME.

## INTRODUÇÃO

O Consciencismo é uma filosofia universal, sua interpretação é baseada no materialismo dialético para entender a realidade africana. Sua concepção, enquanto teoria do conhecimento, não se restringe apenas a um contexto específico, mas pode ser interpretado em vários ângulos da sociedade. O consciencismo vem fortalecer a ideia da criação dos Estados Unidos da África. Pensar numa filosofia do consciencismo é despertar a consciência dos africanos diante dos problemas causados pelo colonialismo. Essa filosofia surge como campo para investigar a verdadeira independência na África, o processo que se deu por meio do colonialismo e do neocolonialismo.

Seu fundamento está no materialismo dialético em vista a um fortalecimento da unidade africana. Kwame Nkrumah busca por meio de uma filosofia especialmente materialista levar o povo africano a descobrir o verdadeiro sentido da vida social, a economia e a política. A conjuntura social e a filosofia devem nos ajudar a refletir sobre o futuro da África. Em suas palavras:

O Consciencismo é o conjunto de termos intelectuais para a organização das forças que capacitarão a sociedade africana a assimilar os elementos ocidentais, mulçumanos e euro-cristãos presentes na África e transformá-los de modo que se encaixem na personalidade Africana. (KWAME, 1964, p. 120).

A união dos três povos reflete um fator principal de retomada de consciência comum na luta contra o colonialismo. Nkrumah é a figura importante que traz o pensamento filosófico no mundo social, a ideia de um super-Estado africano baseado na filosofia social. Sem ele, a África não seria um continente interlocutor e mundial. A Colonização queria manter o continente africano sob o controle dominante do ocidente por muitos anos, porém o consciencismo se apresenta como uma filosofia revolucionária contra toda hegemonia europeia. O consciencismo começa a desconstruir a imagem de que a África não se vendeu pelos comunismos chinês e russo, o período no qual o mundo era dividido em dois blocos. Após a segunda guerra mundial, o império do capitalismo invade a África, condena os líderes africanos na política exterior e rompe as relações diplomáticas em parceria com outras potências mundiais, tal como a Organização das Nações Unidas (ONU), desempenha a missão para a paz no continente. Desse modo, o consciencismo procedeu ao diálogo com as questões política, econômica e social.

O consciencismo assume na África uma ideologia, não necessariamente escrita, mas em caráter oral, de sensibilização política e filosófica de massa. Ele se apresenta como porta-voz da opinião pública. O consciencismo se posiciona contra a lógica colonial e neocolonial na África. As críticas serão dirigidas nas formas dos governos tanto, nacionais como internacionais, dentro do território. No caso da ONU, que controla quase todo o território da África, exceto Marrocos, que é dirigido sob o comando de seus próprios militares e busca estabelecer a paz no mundo, o que nunca acontece, pelo contrário, se agrava com vários conflitos e guerras nas regiões dos Estados pobres. Para entender a relação que existe entre a filosofia social e a revolução, é preciso retomar os princípios da dialética histórica em Nkrumah, ele procura entender que:

(...) a interação entre a modificação das condições sociais, por um lado, e o conteúdo da consciência dos povos, por outro lado, não é unilateral: as condições

podem ser modificadas por uma revolução, e as revoluções são o fato dos homens, dos homens que pensa nos homens de ação e age como homens de pensamento. É verdade que a história faz os revolucionários, mas longe de ser a bola ao vento da história, eles têm uma sólida base ideológica (KWAME, 1964, pp. 57-58).

O neocolonialismo se manifesta na África com vários tipos de mecanismos, a ONU, por exemplo, não apela apenas na missão de paz nas regiões. Mas é vista como um dos mecanismos de neocolonialismo mais forte porque ela controla os territórios onde se encontram, não somente os conflitos, mas aquilo no que há interesses, petróleo, diamantes ouro e urânio. A revolução nacional africana é uma proposta de filosofia de Nkrumah e não uma resolução imediata. Ele afirma:

Toda verdadeira revolução é um programa e deriva de um princípio novo, geral, positivo e orgânico. A primeira coisa necessária é aceitar o princípio. Então, sua aplicação deve ser limitada aos homens que acreditam nela, e livres de qualquer vínculo, de qualquer relacionamento, com qualquer princípio que se oponha a isso (KWAME, 1964, p. 89).

Tal filosofia se apresenta como caminho para avaliar a presença na África de maneira crítica para favorecer a verdadeira libertação. A revolução nacional reivindica os movimentos independentistas. O que Nkrumah nomeia de “ação positiva”, nessa relação categorial é a sua vitória que prevalece nas eleições gerais, de 1951, na qual Gana se torna primeiro país a ser independente em 1957. A ação positiva conduz à transformação econômica e política do continente.

A filosofia africana não se faz mais como se fazia a filosofia europeia, na sua grande maioria, cumprindo papel

fortemente estabelecido para responder às preocupações principais de sua conjuntura, seja na política, ou na vida social. A própria crise econômica e capitalista, as esferas de outro pensamento que não seja europeu. Dessa maneira, os países ricos ou desenvolvidos buscam uma saída a partir de uma política de ação incontrolável na economia internacional, interferindo na soberania dos outros Estados por meio de vários mecanismos de dominação. Nkrumah diria que o pior regime, o que devemos evitar é o neocolonialismo. Assim se expressa:

Outra armadilha neocolonialista na frente econômica veio a ser conhecida como “ajuda multilateral” através de organizações internacionais: o Fundo Monetário Internacional, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (conhecido como Banco Mundial), a Corporação Internacional de Finança e a Associação Internacional de Desenvolvimento são exemplos, todos eles, significadamente, tendo o capital norte americano como seu maior financiador. Esses órgãos têm o hábito de forçar os candidatos a empréstimos a submeter sua orientação e planos a exame pelo Banco Mundial e aceitar a supervisão do uso dado aos empréstimos (KWAME, 1963, p. 285).

A presença do neocolonialismo nas suas colônias não apenas aproveita o benefício dos recursos naturais, mas interfere na gestão política e, até, na retirada de várias espécies de privilégios dos nativos. A promessa de que o capitalismo queria acabar com a desigualdade no mundo, principalmente nos continentes pobres, falhou. Pelo contrário, esse sonho acabou se frustrando pelo aumento da desigualdade no mundo contemporâneo. O neocolonialismo se manifesta por meio de métodos sutis e variados. Para que as nações africanas possam se desenvolver, é preciso combater esses métodos que “operam, não apenas no campo econômico, mas, também nas

esferas política, religiosa, ideológica e cultural” (KWAME, 1963, p. 281). Se formos analisar o processo no qual se deram as independências na África, concebidas pelas suas colônias, perceberemos que foi apenas um processo assujeitado em proveito do ocidente para continuar a sua permanência nas colônias. Os países da América Latina e da África poderão se tornar economicamente independentes e autônomos se tiverem uma coligação diplomática de política na economia mundial. Portanto, os países da América Latina se distanciaram dos da África em termos econômicos, sendo que nenhum desses continentes teve um sistema capitalista do modelo ocidental para gerar uma economia mundial e industrial. Por consequência, a lógica desses dois continentes continua a ser pobre e se submete à mercê do Imperialismo ocidental. Se nós analisássemos os princípios do consciencismo diante do Imperialismo ocidental em terras africanas ou latinas, perceberíamos que a filosofia tem uma tarefa de agir não para dar respostas prontas, mas deve questionar a existência da sua própria natureza que deve ser mantida pela própria ideologia africana. O consciencismo é uma filosofia que deve ser analisada a partir da realidade presente e consciente de cada africano. Ele se entende como um conjunto de princípios humanos em que é baseada a sociedade africana. Seu fundamento nada mais que é o materialismo. Veja como o continente africano se empobrece diante de ajudas bilaterais recebidas pela Europa, Nkrumah diz:

De fato, muitos projetos de ajuda são destinados a equilibrar a balança de pagamentos dos países doadores, e não a favorecer o desenvolvimento econômico do país beneficiado. Esse deve não somente assumir o reembolso da pesada dívida, mas também aceitar uma dependência política e econômica, que limita seu desenvolvimento e retarda seu crescimento econômico (KWAME, 1975, p. 58).

A realidade africana é, antes de tudo, a de um continente explorado e destruído após a colonização. Portanto, a filosofia nesse contexto ajudaria a interpretar melhor as diferentes fases da vida social. É a filosofia que torna um exercício complexo e dinâmico a busca das razões fundamentais da existência humana. Não se trata de questionar se existe ou não uma filosofia africana, ou seja, de onde começou a filosofia. Essas são questões já superadas pelos intelectuais africanos, aqui nos é proposto apresentar alguns princípios que refletem sobre os problemas que atingem a maioria dos africanos. A grande preocupação de Nkrumah é a presença do Neocolonialismo na África, o que se constitui como obstáculo para o desenvolvimento social e econômico. Na sua obra: *Neocolonialismo Último Estágio do Imperialismo*, afirma:

Imperialismo é ainda a mais poderosa força a ser considerada na África. Controla nossas economias, opera em uma escala mundial com combinação de diferentes tipos: econômico, político, cultural, educacional, militar; e por serviços de inteligência e informação. Está criando estados clientes, que manipula a distância (KWAME, 1963, p. XVI).

É de suma importância esse trabalho de Kwame Nkrumah, para romper o narcisismo etnológico da filosofia africana que fundamentava seus princípios na cultura ou tradição, mas que, na realidade, se servia da cultura local para se aproveitar dos seus interesses políticos e econômicos. A filosofia africana não se fecha mais por si mesma, mas ela abre o campo de investigação para analisar os problemas dos africanos, elabora críticas face ao regime capitalista e socialista na África. As grandes inspirações dessa filosofia se encontram na sua própria ideologia. As tendências ideológicas apresentadas por Nkrumah são de caráter pragmático, porque acentuam sua investigação na tomada de consciência pelos

próprios africanos para a libertação e desenvolvimento do continente.

A ideologia é um princípio que guia as ações da teoria para prática. Ela se expressa de maneira gradual com regras em direção de uma boa conduta. Para Nkrumah:

A ideologia procura trazer uma ordem específica a toda a vida da sociedade. Para conseguir isso, ela deve usar vários instrumentos. A ideologia de uma sociedade se manifesta por uma teoria política, uma teoria social e uma teoria moral, e as utiliza como instrumentos. (KWAME, 1964, p. 93).

A ideologia é irrepreensível à sociedade. Podemos observar a sua teoria e prática tem o impacto na maneira de pensar pelos indivíduos na sociedade. Essa filosofia denominada de ideologia por Nkrumah é “Totalitária. Abrange toda a vida de um povo e se manifesta em sua estrutura de classes, sua história, como literatura, sua arte, como religião.” (KWAME, 1964, p. 94). Independentemente, de qual for a ideologia assumida pelo viés de Nkrumah na sua filosofia, seja escrita ou oral, deve buscar controlar as ações das pessoas em sociedade para defender seu existir no mundo e manter sua ordem social.

A ideologia é arte de viver. Muitos africanos expressam os seus profundos desejos vitais por meio da arte que é um dos instrumentos de ideologia. O termo arte usado neste texto revela o jeito de viver e não no sentido da estética da arte. Essa arte é o que se manifesta nas ocasiões principais de cerimônias da vida, como no nascimento ou na morte seguida de ritual. A filosofia tem esse papel de pensar sobre as condições de vida, o problema da emancipação, da autonomia e outros. Após as independências, o quadro econômico e social, os líderes africanos precisavam enfrentar vários problemas sociais. As fronteiras do mundo se fecharam para os africanos que levaram o projeto de desenvolvimento econômico promovido pelos escravizados no Ocidente.



A filosofia do consciencismo não aniquila a ideia de uma filosofia ocidental, pelo contrário, ela vem como questionamento diante das demandas do mundo negro e branco, cada vez mais em desafio para viver em comunhão no mundo pós-moderno. Desse modo, Nkrumah afirma:

Acredito que, quando estudamos uma filosofia que não é a nossa, devemos colocá-la no contexto da história intelectual a que pertence e no ambiente em que nasceu. Assim, podemos usá-la para promover o desenvolvimento cultural e fortalecer a sociedade humana. (KWAME, 1964, p. 87).

O consciencismo surge como consequência de um conflito social, seja ele explícito ou implícito, é uma filosofia do conflito oposto e inevitável à leitura social. Nesse sentido, estabelece a relação entre o corpo e a matéria, ou seja, para entender a interação entre o mundo social e a filosofia é preciso que haja um paralelismo entre a matéria e espírito. Sem a interação não há como falar do consciencismo. Portanto, não há dualismo no consciencismo, mas pode acontecer que as duas categorias ajam de maneira oposta, por este motivo, o consciencismo propõe a conversão categorial que é nada mais que uma força que produz a energia no processo da dialética. Se não houvesse uma interação categorial entre matéria e espírito não poderíamos falar do desenvolvimento na África ou da filosofia social. Para Nkrumah, “a matéria é capaz de transformação dialética, porque suas propriedades naturais nada mais são do que a tradução de arranjos quantitativos da matéria; se, portanto, as propriedades naturais são modificadas, o material deve mudar o arranjo quantitativo” (KWAME, 1964, p. 138).

A matéria é um conjunto de forças no qual há uma tensão, se não houvesse tensão, não seria possível falar do consciencismo. A força da matéria por si mesma não produz nada. A presença de outras categorias é necessária para que

possa gerar a ação positiva. A matéria é uma tensão na capacidade de transformação.

O consciencismo é uma filosofia dialética em processo de mudança e transformação. A matéria não é estática, mas dinâmica, assim é que nós podemos entender a realidade africana. Nkrumah considera o consciencismo como filosofia em processo de mudança e que move a própria realidade africana tanto na economia, quanto na política. Ele não separa as duas esferas, ou seja, a sua análise compreende a sociedade e filosofia. Com isso ele afirma:

Por transformação dialética, espero o aparecimento de um terceiro fator, do tipo lógico superior, partindo da tensão entre dois fatores ou conjuntos de fatores do tipo lógico inferior. A matéria pertence a um dos tipos lógicos; propriedades de propriedades para um tipo lógico ainda mais alto (KWAME, 1964, p. 136).

O consciencismo não admite que só a matéria existe, a única existência da matéria conduz à negação de outras categorias, ou seja, ao privilegiar somente a matéria como o único princípio para entender o mundo das coisas, conduz-se ao ateísmo. Como é o caso do marxismo que, no momento, não é do nosso interesse em investigar. O consciencismo concebe a matéria como categoria superior à natureza humana. O mais importante dessa filosofia é levar em consideração que o materialismo e idealismo são conceitos diferentes, mas complementares. O idealismo, por sua parte, oferece ao materialismo as bases do pensamento para um exercício de boa governança. O consciencismo religa a ação entre teoria e prática, a primeira pode ser categorizada na ordem mecânica, mas a outra, pelo contrário, é suscetível ao campo da ética. O ideal é que as circunstâncias podem mudar de acordo com seu dinamismo na matéria. Do mesmo modo as regras morais nessa sociedade são dinâmicas, elas evoluem de acordo com o modelo de sociedades, seja ela matriarcal ou patriarcal.

Com base nesse pensamento, a filosofia está sempre em processo de mudança contínua. Desse modo Nkrumah diz:

Uma sociedade não muda a moral simplesmente mudando as leis. Para que a moralidade mude. Os princípios devem mudar. Por exemplo, se uma sociedade capitalista pode se tornar uma sociedade socialista, ela precisa mudar sua moral. Qualquer mudança na moralidade é revolucionária (KWAME, 1964, p. 143).

Uma leitura do marxismo no contexto africano gerou certamente as divergências de opinião dos grupos de intelectuais africanos. O primeiro grupo se declarava de esquerda e se apoiava na teoria do marxismo. Acreditava que o materialismo de Nkrumah seria uma cópia do marxismo de Marx para estudar a realidade africana, mas criticava a postura do marxismo inspirado na perspectiva de Karl Marx que estaria contribuindo para um processo de alienação. Outro grupo, de tendência nacionalista, se inspirava também na teoria marxista, mas adaptaram-na numa perspectiva revolucionária.

Sem dúvida, o marxismo teve uma forte influência no ordinário dos africanos, após as independências, algumas críticas foram feitas pelos filósofos africanos, afirmando que a ideologia marxista estaria associada aos interesses do neocolonialismo. Após a segunda guerra mundial, certamente houve essa divisão entre o capitalismo e o comunismo. As ideologias do capitalismo começaram a influenciar os intelectuais africanos, de modo particular, os da diáspora, a falar do renascimento da África. Parece que a África pré-colonial não existia na história, como a excluiu Hegel.

A África não é uma parte da história do mundo. Não tem movimentos de progresso para mostrar, movimentos históricos propriamente dela (...) Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições naturais e que deve ser aqui apresentado

apenas limiar da história do mundo.  
(HEGEL, 1995, p. 174).

Portanto, a África não precisa renascer, mas precisa o respeito à sua soberania. A ideia do renascimento da África vem junto com a teoria da descolonização e da invenção da África pelos colonizadores de que não seria um continente, mas um território ocupado pelos europeus. Nkrumah admite que são dois conceitos iguais e inventados pelos colonizadores e que precisam ser superados. Para Nkrumah, “Descolonização é uma palavra insincera e frequentemente usada pelos porta-vozes imperialistas para descrever a transferência de controle político, da soberania colonialista para africana” (KWAME, 1963, p. 35). O colonialismo e neocolonialismo estão em ligação direta. O primeiro foi abolido, mas o segundo alimenta o primeiro com seus desejos de ocupação territorial. Conforme, Nkrumah:

Para os países independentes, o neocolonialismo é mais perigoso que o colonialismo. O colonialismo é brutal, essencialmente aberto, e é possível superá-lo mobilizando racionalmente o esforço nacional. Mas, no caso do neocolonialismo, o povo é separado de seus líderes e, em vez de fazer seu trabalho, que deve sempre ser inspirado pelo ideal da felicidade geral, passa a negligenciar as próprias pessoas que levados ao poder e, como resultado de sua imprudência, tornam-se instrumentos de tirania que beneficiam os neocolonialistas. (KWAME, 1964, p. 154).

Entender a lógica do neocolonialismo é captar o interesse da evolução na matéria de suas várias formas, superior ou inferior. Essa evolução é aparentemente dialética porque constitui o fundamento da sociedade no materialismo. O devir dessa evolução cria uma tensão de forças opostas. Assim como no universo, percebemos que existem coisas físicas que perambulam inabalavelmente sempre estão sujeitas

às pressões exteriores que causam a mudança. Qualquer movimento que se opera numa investigação científica é sempre o resultado de um fato social ou progresso para o desenvolvimento. Portanto, pode aparecer no seu triunfo uma ação positiva ou negativa, mas se fosse uma evolução social, fundamentada no conhecimento político o resultado será multidimensional. A evolução sempre implica a consciência. Um povo sem consciência é uma espécie de uma sociedade fundamentada numa lei morta, lei que não serve para os interesses do povo, mas que garante os privilégios dos grandes.

Sem ação positiva, o território africano não passará a ser considerado livre. Às vezes, uma independência ilusória se torna um fato, uma porta de entrada do neocolonialismo para explorar os interesses ilegais na África. Portanto, para conseguir uma verdadeira libertação é preciso que uma ação positiva procedesse para uma análise objetiva da realidade, isto é, o movimento dialético que causa os efeitos da transformação da sua realidade. A ação positiva deve reunir todas as formas progressistas superando o dualismo de contradições internas. São as forças negativas que desestabilizam a economia. Uma vez que a ação positiva se encontra com o avanço do colonialismo, ela não deve manter a sua postura de maneira radical e resistir diante essa tendência. Uma verdadeira independência política pode redimensionar o diálogo entre o colonizado e colonizador de modo que a ação positiva não se vingue, mas contraria o colonialismo para construir um caminho de reconstrução nacional. De acordo com Nkrumah:

Qualquer teoria da soberania que seja um pouco esclarecida admite que a independência é o bem inalienável do povo. O sucesso dos movimentos de massa em todos os lugares mostra que são as pessoas que o conquistam. E se o povo tem soberania, é óbvio que é para eles que a independência é adquirida. As pessoas realmente não têm independência até que recebam um conteúdo nacional e social que gere benefícios para elas (KWAME, 1964, pp. 158-159).

Qualquer ação positiva a ser posta na sociedade africana deve se apoiar num partido nacional que lhe forneça as condições de forças energéticas do mundo para resistir frente ao neocolonialismo. A ideologia será a luz que iluminará o povo africano na escuridão da vida colonial. Para que essa ideologia possa atingir seu objetivo em favor do povo deve obedecer a todos os princípios do consciencismo. De fato, uma ideologia é aquela que cumpre seu papel a respeito de todos os aspectos da vida do povo, seus profundos anseios são a libertação, o desenvolvimento econômico e política de autonomia.

Depois de uma leitura como essa, podemos perceber que o consciencismo visa, em primeiro lugar, a libertação e o desenvolvimento dos povos por meio de uma filosofia materialista. Para conseguir tais coisas é preciso fazer a revolução social que não se trata de uma revolução armada, mas de uma revolução das inteligências. Isto é, lançar uma ideologia tão forte baseada no materialismo dialético que fortalece os princípios da unidade africana para uma sociedade autônoma e emancipatória.

A ideologia deve se cristalizar e reforçar o sentido da verdadeira revolução social para propor uma África unida e igual proteção para todos. O consciencismo deve se apoiar nos seus princípios do materialismo. Não deve ser confundido com quadro do marxismo, ele é uma filosofia especial e diverge com outras vertentes do marxismo, do socialismo e do idealismo, sua leitura na esfera da África como na diáspora pode nos ajudar a desconstruir a imagem pré-estabelecida sobre a África para construir uma verdadeira filosofia africana e revolucionária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, Friedrich. **Filosofia da história**. Brasília: Editora da UNB, 1995.

KWAME, Nkrumah. **Le Consciencismo**: Philosophie et Idéologie pour la décolonisation et le développement. Tradução de Jospin, Paris: Payot, 1964.

\_\_\_\_\_. **Neocolonialismo: último estágio do imperialismo**. Tradução de Maurício C. Pedreira, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.